



Ruptura, Continuidade, Contradição e Intertextualidade: O “Correio Feminino” de Clarice Lispector no “Fantástico”¹

Lívia de Pádua NÓBREGA²
Faculdade Araguaia, Goiânia, GO

RESUMO

O presente artigo analisa a exibição no programa Fantástico, da Rede Globo, de colunas femininas que a escritora e jornalista Clarice Lispector escreveu entre agosto de 1959 e fevereiro de 1961 para o jornal carioca Correio da Manhã. O quadro “Correio Feminino”, mesmo nome da seção em que a colunista publicava seus trabalhos, contou ainda com a exibição às segundas-feiras na Internet, do quadro “Conversa entre mulheres”, com a participação de atrizes globais que discutiam temas exibidos na noite anterior. Além deste, compôs o quadro uma seção de “Perguntas e Respostas” que as leitoras enviavam pelo site e que eram respondidas por uma pessoa não identificada. Estes três espaços serão analisados enquanto locais em que se encontram rupturas, continuidades, contradições e intertextualidades com o discurso das colunas clariceanas.

PALAVRAS-CHAVE: Correio Feminino; Clarice Lispector; Fantástico; Gênero; Imprensa Feminina.

Clarice Lispector e colunas femininas

Entre agosto de 1959 a fevereiro de 1961, a escritora e jornalista Clarice Lispector - oculta sob o pseudônimo Helen Palmer - manteve às quartas e sextas-feiras a coluna “Correio Feminino”, no segundo caderno do jornal Correio da Manhã, no Rio de Janeiro. Resultaram daí 128 edições, fruto de um contrato com o Departamento de Relações Públicas da Pond’s Cosméticos, que assina com Clarice para que esta redija textos sobre feminilidade sem citar o nome da empresa, de modo a criar hábitos de consumo nas leitoras (LISPECTOR, 2008).

Esta foi a segunda experiência de Clarice com colunas femininas. A primeira havia sido como Tereza Quadros em “Entre Mulheres”, no tabloide Comício em um curto período em que viveu no Brasil quando acompanhava as mudanças no exterior de seu marido diplomata. Já separada e paralelamente ao Correio da Manhã, Clarice

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Professora dos Cursos de Comunicação Social da Faculdade Araguaia. Mestre em Comunicação pela UFG, Jornalista pela PUC-GO e Historiadora pela UFG.



também escreve a coluna “Só para mulheres”, como *ghost-writer* da atriz Ilka Soares no tabloide “Diário da Noite”.

Gênero, breve conceito

O conceito de Gênero surgiu no campo das Ciências Sociais em 1968 com Stoller e expandiu-se a partir de 1975 por meio do artigo “O tráfego de mulheres: notas sobre a economia política do sexo”, de Gayle Rubin (SAFFIOTI, 1999) em substituição a categoria Mulher, anteriormente utilizada nos estudos sobre a condição feminina.

A readequação categórica se fez necessária a partir do momento em que se percebeu a impossibilidade de englobar a imensa diversidade de mulheres em uma categoria universal, pois apesar de sofrerem uma opressão comum – a dominação masculina – e o *locus* desta ser o corpo físico (FRANCHETTO; CAVALCANTI; HEILBORN, 1981) sobre o qual foram inscritas as diferenças culturais justificadoras das diferenças entre mulheres e homens, toda mulher convive com uma característica básica das identidades na atualidade: a pertença a diversas marcações, por exemplo, como ser mulher e ser negra; ser mulher e ser pobre; ser mulher e ser lésbica, etc.

Desta forma, Gênero foi um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual. É um sistema de relações sociais simbólicas no qual mulheres e homens estão diferentemente alocados (HARAWAY, 2004). Outro passo importante na constituição dos estudos de gênero foi a possibilidade de se estudar a relação entre mulheres e homens, na medida em que não há como problematizar nenhuma destas categorias sem vê-los a partir de sua dinâmica ou mesmo da dialética que sempre os marcou. Assim, o sexo – biológico – é dado, enquanto gênero são os significados culturalmente atribuídos a cada sexo (SCOTT, 1995).

No contexto de emancipação feminina pelo mundo, é sintomática a força que as colunas direcionadas para a mulher tiveram no Brasil como uma tentativa de amenizar os efeitos dos movimentos feministas que ecoavam da Europa e dos Estados Unidos. Neste panorama, a imprensa feminina atuou como uma das principais esferas que colocou em prática a máxima da obra capital de Simone de Beauvoir, “O Segundo Sexo” (1970), no qual ela postula que não se nasce mulher, mas torna-se uma.

É novamente sintomático que o feminismo no Brasil tenha conquistado maior expressividade somente após 1970 (CORRÊA, 2001), arrefecendo o impacto das colunas femininas a que todo o jornal que se prezasse tinha a sua. Tais textos eram



geralmente assinados por homens sob pseudônimos femininos e Clarice não foi pioneira, passando por estas páginas escritores como Nelson Rodrigues e Érico Veríssimo, quase sempre motivados pelo dinheiro, como também foi o caso dela.

Os estudos de gênero vieram, portanto, para questionar a naturalização dos papéis sociais. Tais papéis foram formados no processo histórico, social e cultural pelo qual passaram as sociedades. Neste processo, os homens sempre estiveram relacionados à ideia de cultura, enquanto as mulheres foram vistas como determinadas por uma natureza, uma espécie de essência ou até mesmo instinto (ORTNER, 1979). Assim, enquanto os homens eram destinados à esfera pública da vida, as mulheres foram destinadas à esfera privada e é no contexto em que vigorava esta ordem é que as colunas terão seu *boom*, como se vê agora a partir de seus conteúdos reproduzidos no Fantástico e analisados por meio da Análise de Discurso de corrente francesa.

“Correio Feminino” no Fantástico

Em pesquisa de Mestrado anterior da autora do artigo, debruçando-se sobre as colunas clariceanas e outras do século XX, percebe-se que a mulher é representada a partir de quatro características básicas: feminina; é ou deseja ser boa esposa; é ou almeja ser mãe dedicada; é dona-de-casa zelosa.

Este é o perfil de mulher divulgado como modelo ideal no século XX. Conforme já se viu no tópico acima, após a construção histórica, social e cultural do feminino, partiu-se para a naturalização de tais características. Assim, elas foram divulgadas a partir de diversas instituições, entre as quais a mídia, por meio da imprensa feminina, ocupou papel fundamental. Sendo assim, as colunas clariceanas seguiram a tônica da época e são estes os textos revisitados em “Correio Feminino” no programa de televisão noturno e dominical Fantástico, na Rede Globo em 2013.

Na transposição do impresso para a TV, oito episódios foram criados sob a direção de Luiz Fernando Carvalho. No elenco, como Helen Palmer, a atriz Maria Fernanda Cândido, cuja voz narrava as situações sobre as quais as colunas versavam. Apesar de aparecer de perfil e fragmentada por meio do close de alguns detalhes, seu rosto não era exibido. Como as mulheres que vivenciavam as situações apresentadas, as atrizes Luiza Brunet, Alessandra Maestrini e Cintia Dicker.

Para causar uma impressão de atemporalidade das características que as mulheres deveriam cultivar, as personagens traçam uma escala de faixas etárias. Cintia



Dicker representando a juventude; Alessandra Maestrini em transição e Luiza Brunet na maturidade. Os textos impressos foram adaptados para a linguagem televisiva mesclando trechos diferentes de várias colunas, mas conservando a essência original.

No episódio de estreia, “Aulinha de Sedução” (13’21’’) ³, a autora adverte sobre o dever da sedução constante como tarefa feminina para conservar o bem amado, visto como sua metade complementar. Os trechos selecionados para o quadro foram aqueles que passam para a telespectadora a ideia de que tudo o que a mulher deve fazer é simples, pois já está dentro dela mesmo, necessitando no máximo ser descoberto. Desta forma, ela lembra que “Sedução é sutileza” (3’8’’) e “Seja você mesma” (9’36’’).

As situações vividas pelas personagens têm como pano de fundo a narração da colunista e trilha sonora, de forma que ainda que as mulheres pareçam dialogar em algumas cenas, não sabemos o conteúdo dos diálogos. Assim, no primeiro episódio, após a fala da personagem em um encontro, aparece a frase “Que livro você está lendo ultimamente?” (8’59’’) ao que a colunista adverte: “Por favor, não force um assunto com perguntas artificiais, de nada adianta dizer muitas bobagem com os lábios perfeitamente maquiados [...] você é perfeitamente aceitável com os defeitos que tem” (9’4’’). O episódio termina com a visão essencialista de que mais que qualquer artifício externo, o principal é ser mulher.

No segundo episódio, “Espelho mágico” (10’6’’), as dicas fáceis e vistas como noções que a mulher já possui permanecem em frases como “A felicidade está em você” (1’22’’), “Sentir-se bonita é um dos meios mais eficazes de ser bonita” (8’27’’), “Bonita é a mulher que é feliz” (9’26’’), enquanto lembra que “O preço da beleza é a vigilância eterna” (4’58’’). Antes de finalizar, aparece uma cena de piquenique em que a mulher mostra-se insatisfeita com a falta de atenção do marido que permanece lendo um livro enquanto o casal de filhos se diverte, ao que a colunista aconselha: “Por isso não limite o seu interesse apenas a arte de se embelezar. A futilidade é fraqueza superada pela mulher esclarecida e você é uma mulher esclarecida, não é mesmo?” (9’34’’).

Os dois primeiros episódios contam com entradas rápidas de mulheres comuns e de algumas atrizes da série, Maria Fernanda, Luíza e Alessandra, que entrecortam a narrativa para falar sobre os temas apresentados, porém a partir do terceiro episódio a emissora não utilizou mais o recurso, ficando o quadro restrito as narrações das colunas de Helen Palmer enquanto as atrizes viviam as situações apresentadas.

³ Em cada citação direta retirada dos episódios de “Correio Feminino” e “Conversa entre mulheres”, os minutos serão indicados pelo sinal ‘ e os segundos por ’’, como dita a convenção.



O terceiro episódio, “Ser mulher, ser moderna” (6’45’’) antecipa a questão da conciliação, que será tratada no tópico “Conversa entre mulheres”, pois para a colunista, a mulher moderna é esclarecida, concilia o ritmo da vida atual, estuda, lê e é interessante, mas sem perder seus atributos de mulher. Ela adverte para o perigo da exaustão de se querer fazer muita coisa em pouco tempo, o que resulta em insatisfação.

Ao observar que “Premidas pelas contingências da vida moderna, aumenta a cada dia o número das mulheres que trabalham fora de casa” (2’5’’), a colunista não condena o trabalho fora do lar, desde que não se esqueça dos cuidados com a aparência, não se exiba demais e pareça distinta, eficiente e reservada. A leitura é vista como sinônimo de esclarecimento ao se aconselhar a mulher a saber mais que apenas os seus quitutes e bate-papos com as vizinhas para instruir-se.

O quarto episódio, “Receita de casamento” (10’6’’) coloca a felicidade como um ideal a ser duramente perseguido e condena as “caçadoras de marido” como mulheres que não se adéquam a época, afinal (2’10’’):

Já nos libertamos dos falsos tabus que faziam da mulher um ser inferior e submisso, o casamento não é mais uma obrigação e passou a ser encarado de forma muito mais serena, mas é claro que muitas de nós continuam querendo casar-se e ter seus lares e filhos, é natural, naturalíssimo.

É perceptível um espaço de tensão discursiva, em que apesar da apresentação de uma ideia vista como moderna, finaliza-se com uma visão essencialista de naturalização do papel social feminino.

O quinto episódio, intitulado “Caprichos de mulher” (7’20’’) tem como foco a moda, alertando que a mulher inteligente não é escrava desta, pois só usa o que lhe convém, mas deve ter sempre o cuidado de não exagerar.

No sexto episódio, “Ser mãe” (7’14’’), a visão essencialista persiste na visão da maternidade como instinto (0’58’’ - 2’51’’ - 4’37’’):

[...] antes de ser mulher vaidosa, profissional ou dona de casa você é mãe, não é? Ou quem sabe vai ser um dia. Ser mãe é muito mais do que dar à luz uma criança. Uma verdadeira mulher, uma verdadeira mãe, sabe que seus deveres vão muito além de enfeitar, agasalhar e alimentar seu filho. [...] As mães podem ser excelentes amigas se tiverem com os filhos a tolerância e a paciência que têm para o trabalho doméstico. [...] Com inteligência e o instinto materno que todas nós temos, você lhe mostrará o que está certo ou errado, mas de maneira sutil.



Já o sétimo episódio, “A fada do lar” (6’22’’) diferencia casa, tarefa provida pelo homem e lar, responsabilidade da mulher. Para tanto, recorre ao artifício do misterioso e inominável, desde muito utilizados para relacionar a mulher à natureza, quando na verdade está se falando de construções - histórica, social e culturalmente construídas.

A casa, enquanto concretude é oposta ao lar “essa coisa simples e complexa, sutil e envolvente, evidente e misteriosa, que depende de tudo e não depende de nada é simplesmente engenharia de mulher” (1’7’’).

O oitavo e último episódio, “Mulher do futuro” (7’8’’) apresenta uma conclusão acrescentada ao texto original, narrada por Maria Fernanda, quando finalmente se vê seu rosto de frente, falando para a câmera ao som da canção “Clarice”, de José Carlos Capinam na voz de Caetano Veloso (5’42’’):

E o futuro? Ah, esse virá por si mesmo. Quando menos se esperar, lá estaremos nós em 1970, em 1990, no ano 2000 e depois em 2010, 2011, 2012, 2013 e lá, eu sei, haverá uma mulher como eu [...] seja feliz minha amiga e seja sempre, acima de tudo, mulher.

Após um breve histórico de cada um dos oito episódios é possível concluir que o quadro apresentado no Fantástico manteve-se como uma transposição fiel das colunas clariceanas, conclusão que se altera na continuidade do quadro na Internet, nos espaço “Conversa entre mulheres” e “Perguntas e Respostas”, a que se dá início a análise agora.

“Conversa Entre mulheres” na Internet

Após a estreia do quadro, foi aberto um espaço às segundas-feiras no site da Rede Globo para discussão dos temas apresentados na noite anterior. Em “Conversa entre mulheres”, Maria Fernando Cândido conduziu debates entre as atrizes globais Bruna Lizmeyer, Letícia Spiller e Eliane Gardini.

Após o primeiro episódio, “Discussão sobre sedução” (7’19’’), no segundo, “Conceito de beleza”(7’41’’), Maria Fernanda define o espaço como um local onde elas podem ser “Meio Helen Palmer”. O terceiro episódio, “Não dá para ser perfeita” (8’17’’) inaugura uma temática atual sobre o papel da mulher na sociedade e que retornará em episódios posteriores: a tendência das colunas femininas recentes de tratar a mulher a partir do “Mito da Mulher Moderna, a Mulher Maravilha”.



Este seria uma reformulação do já mencionado quádruplo de características que, segundo a imprensa feminina do século XX, seriam definidoras da personalidade da mulher (feminina, esposa, mãe e dona de casa). Na versão atual, o ideal de feminilidade aparece indissociável dos adjetivos “linda” e “magra”; a ideia de esposa agora já abarca noções nem sempre formalizadas pelo casamento e apela para o sexo como uma arma que a mulher deve possuir para a conquista; o quesito mãe aparece agora invariavelmente associado à culpa, consequência da quinta e nova característica acrescida: a profissional bem sucedida; por último, a noção de dona de casa ganha também algumas adaptações, considerando que muitas mulheres já não se dedicam inteiramente ao lar, trocam as dicas de cuidado com a casa e receitas de culinárias, por toques de refinamento decorar a casa e receitas gastronômicas não mais do dia-a-dia, mas de pratos para ocasiões especiais.

A fala de Maria Fernanda é emblemática desta nova visão do papel feminino: “Ah, se Helen Palmer soubesse o tanto de coisas que a mulherada hoje em dia tem que dar conta: filho, marido, trabalho, cuidar da pele, cuidar da alimentação, ficar magra, trabalhar” (0’17”). Ao que Letícia complementa: “Acho que só a mulher mesmo. Eu brinco que se fosse homem, não dava conta não. Ter que arcar com essas funções de mãe, trabalho, tudo junto, casa” (0’45”). O debate segue tentando entender se antes era mais fácil conciliar os papéis, ao que Eliane responde (3’22”):

Era também o sentimento que eu tinha quando eu comecei, por exemplo. Trabalhei e tinha filho, continuava trabalhando, me sentia culpada. Muitas vezes chegava em casa de madrugada, as crianças já estavam todas dormindo, fazendo teatro, fazendo isso, fazendo aquilo, mas ao mesmo tempo pensava: sabe, mas eu tô bem, eu tô realizada, eu estou me realizando então eu também vou ter bons sentimentos para passar para as pessoas porque a frustração também, às vezes você abre mão de coisas que são tão fundamentais que você também se torna uma pessoa frustrada e você aí não será uma boa pessoa para se conviver então acho que esse egoísmo que a gente tem de ir à luta para as suas questões, para você se fazer bem é importante.

A fala de Eliane traz à tona a tensão entre ruptura e continuidade que fica ainda mais nítida em sua frase seguinte, em que aceita que seria muito difícil com a cabeça de hoje viver em uma época em que “a mulher não votava, que a mulher não existia” (7’23”). Embora veja uma ruptura a partir do momento em que a mulher vai trabalhar fora, ao mencionar o “egoísmo” por meio do qual a mulher atinge seus objetivos, essa ruptura enseja o sentimento de culpa, visto como consequência natural da conciliação



pela qual a mulher passa hoje. Por isso, a chamada “mulher moderna”, para Buitoni (2009), é uma falácia, pois se trata apenas de uma reatualização que traz as funções antigas acrescidas de novas demandas.

O quarto episódio é “Discussão sobre casamento” (7’18”), o quinto “Eliane Giardini compara moda com amor” (7’38”) e o sexto, “Dicas de maternidade” (6’51”). Por questão de espaço, apenas os episódios mais representativos das rupturas, continuidades, contradições e intertextualidades foram tratados. O sétimo, “Sou péssima dona de casa” (7’30”), retrata o conflito entre as construções histórico, sociais e culturais; o desejo de emancipação; as mudanças dos novos tempos; e o desejo de retomada de algumas convenções. Tal procedimento instaura um espaço de contradição discursiva, pois ora valoriza as rupturas, ora deseja uma continuidade com o discurso anterior. Este entre lugar do discurso fica claro quando elas respondem se pensam em parar de trabalhar fora. Letícia confessa: “Só temporariamente” (5’55”), enquanto em Eliane a contradição advinda do conflito entre ruptura e continuidade é visível (6’25”):

Eu quando era criança sonhava com isso. Imagina, ficava lendo aquelas “Seleções” sabe, aquelas coisas assim, assistia “Papai sabe tudo” na televisão, tudo o que eu queria era vestir um vestido rodado e fazer o bolo, minhas crianças perfumadas com meu marido bem sucedido que chegasse no carro. Isso era um sonho para mim quando era adolescente, achava isso incrível e minha vida foi tão diferente, sabe? Depois com 18, 19 anos, a gente era, sabe, uma revolução no país. Os jovens tomando o poder então sabe, tinha que botar coturno, ser masculina, entendeu? Era complicado porque no fundo, no fundo, eu queria aquela vida de mulherzinha.

A contradição é maior se relacionarmos o trecho a sua frase anterior, em que enfatiza o fato de que trabalhar fora lhe trazia realização. O oitavo e último episódio, “A mulher do futuro” (6’34”) traz diversas falas interessantes.

Logo de início, Maria Fernanda pergunta se ainda falta muito para a mulher deixar de ser considerada o sexo frágil e Bruna devolve o questionamento: “Quem disse que ela não é um sexo frágil?” (1’0”). Ao que Eliane responde: “Eu” (1’4”). Todas riem e Letícia endossa a opinião de Eliane. Maria Fernanda reformula a pergunta então para saber se elas são consideradas um sexo frágil. Eliane começa respondendo (1’46”):

Eu acho que sim. Existe o sexo feminino e existe algumas fragilidades inerentes a condição feminina: a mulher tem menos força, a mulher é mais delicada fisicamente, tem uma série de coisas, a mulher é quem gera o filho, quer dizer, tem algumas coisas que são específicas do



sexo feminino e do masculino. Isso não tem como e eu acho que deve continuar. O que não deve continuar é essa relação de poder que vem sendo liquidada durante estas décadas, graças a Deus!

É interessante notar que Eliane reafirma a concepção de mulher que tem vigorado desde os primórdios: a noção de uma essência feminina, ancorada principalmente no determinismo do corpo. Em virtude disso, ela evoca um desejo de continuidade, mas ao fim enaltece a ruptura que ocorre com o questionamento das relações de poder. A coexistência de espaços de ruptura e continuidade no mesmo discurso instala uma contradição a partir do momento em que a “relação de poder que vem sendo liquidada”, segundo Eliane, faz isso justamente a partir da desconstrução dos significados culturalmente dados ao corpo. Os movimentos emancipacionistas não veem o corpo somente como um *locus* de diferença, mas de desigualdade e por isso esforçam-se para romper não com o corpo, posto que este é determinante, mas com os significados construídos em torno deste, pois com a desconstrução, as diferenças corporais entre mulheres e homens não serão mais vistas como vantagens e/ou desvantagens, não podendo assim serem usadas para legitimar a desigualdade .

Sobre o que o homem poderia aprender com a mulher em resposta a Maria Fernanda, Letícia opina: “Ser mais feminista nesta sociedade tão machista. Tô batendo nessa tecla né, do machismo, é que eu fico muito revoltada com isso ainda, mas eu acho que se os homens, eles podem ser femininos sem medo, sabe, pode chorar, se permitir” (3’50’’). Maria Fernanda complementa (4’15’’):

Eles podiam aprender também a identificar as nossas falas né porque a conversa de mulher é muito difícil pro homem entender. Mulher tem uma fala mais indireta, assim, mais codificada, eles não entendem quase nada, assim fica difícil. Eles podiam entender uma coisa do universo feminino.

A fala reforça a visão essencialista de mulher, que a relaciona a uma natureza feminina instintiva, ignorando o caráter de construto dos papéis sociais. A opinião de Eliane fecha o quadro rerepresentando a tensão entre ruptura e continuidade (5’29’’):

Eu acho, por exemplo, que na minha geração houve uma quebra de valores em relação à geração da minha mãe, por exemplo, né? A minha mãe era subjugada ao meu pai, aquele esquema familiar: a mulher ficava dentro de casa. A minha geração rompeu com isso tudo. A geração das minhas filhas tenta resgatar um pouco disso, sabe como é que é, quer juntar a família de novo. Quer ser um pouco mais, mas de repente, pára a profissão, pára tudo para ter um filho em casa com



parteira e cuidar dessa criança. [...] Isso é um movimento da geração de hoje, tentando buscar uma coisa que era boa que tinha lá, trazendo para cá de uma forma nova, como uma releitura.

Observa-se assim que as falas de “Conversas entre mulheres” são um local de ruptura com a ordem de mundo tradicional do século XX ao mesmo tempo em que representam continuidades com aquele tempo, instaurando no discurso pontos de coexistência, mas também de contradições.

“Perguntas e Respostas” no site

Durante o período em que o quadro esteve no ar no Fantástico, foi criada uma área para que as telespectadoras enviassem suas perguntas para serem respondidas por uma pessoa não identificada no site, não se sabe se é a própria Maria Fernanda quem responde estas dúvidas ou outra pessoa da produção. São treze páginas de dúvidas.

Neste espaço predomina a intertextualidade com as colunas clariceanas, já que a colunista não identificada apropria-se de textos integrais da autora para mesclá-los a suas próprias considerações. A primeira comunicação responde sobre a sedução:

Já percebeu como um mulher com andar harmonioso captura para si todos os olhares? Para que esses olhares e essa admiração, porém, não se desviem, decepcionados, é preciso que outros fatores muito importantes influenciem favoravelmente, formando o que poderíamos chamar a "personalidade cativante" da mulher. A alegria, a delicadeza e a feminilidade nos gestos, nas atitudes e nas palavras, por exemplo, PC. Uma criatura alegre predispõe sempre os outros à simpatia, desde que não seja uma alegria ruidosa ou vulgar.

O texto configura-se como uma apropriação de uma coluna clariceana, que a partir dela, tece suas considerações. O mesmo se dá com o conselho seguinte:

Você está com a cabeça fervendo, transbordando? Então faça exatamente o que faria com uma chaleira de água quente: tire-a imediatamente do fogo. Há vários modos de tirar a chaleira (e a cabeça) do fogo. Um deles consiste em adiar por uma semana a resolução de seus problemas. Quem sabe você terá a surpresa de ver que eles se resolveram sozinhos? Aproveite os mesmos sete dias para deixar de lado pensamentos e sentimentos que "fazem ferver", como ambição, sonhos impossíveis, ressentimentos. E, como em geral sua pior inimiga é você mesma, tente ao menos ser boa para consigo própria, ser tolerante, até meio distraída. No fim da semana, a água da chaleira esfriou um pouco, desceu de nível, e você terá restabelecido o



equilíbrio. Só então vale a pena fazer o que tem que ser feito - uma dieta, por exemplo, se você está realmente acima do peso.

O trecho é uma transcrição com poucos termos realocados, de uma coluna publicada por Clarice sob o pseudônimo de Tereza Quadros no periódico *Comício* em 15 de maio de 1952 (LISPECTOR, 2006, p. 56):

Você também está transbordando? Então faça exatamente o que você faria com essa chaleira: tire-a imediatamente do fogo. Há vários modos de tirar a chaleira do fogo. Um deles consiste em adiar por uma semana a resolução de seus problemas. Aja como se eles não existissem. Há poucos problemas que não possam esperar uma semana. Quem sabe, você terá a surpresa de ver que eles se resolveram sozinhos. – Aproveite a mesma semana para deixar de lado pensamentos e sentimentos que a “fazem ferver”, com ambição, sonhos impossíveis, ressentimentos etc. – E, como em geral sua pior inimiga é você mesma, tente por uma semana ao menos ser boa para consigo própria, ser tolerante, até meio distraída. No fim da semana, a água da chaleira esfriou um pouco, desceu de nível – você terá restabelecido o equilíbrio...

Percebe-se a intertextualidade na seção “Perguntas e Respostas”, já que a maioria das dúvidas levadas pelas leitoras são solucionadas a partir de conselhos da própria Clarice, apropriados pela colunista não identificada que insere algumas opiniões pessoais ao texto, criando assim um espaço de paráfrase, já que a mesma fórmula se repete por meio de uma roupagem nova (PORTO, 2010). Clarice também era adepta da intertextualidades a partir de suas colunas quando aproveitava os textos de Tereza Quadros para republicá-los – algumas vezes na íntegra, outras vezes com pequenas modificações – como *ghost-writer* de Ilka Soares no *Diário da Noite*.

As apropriações que a escritora e jornalista fazia de seus próprios textos era tamanha, que seu conto “A quinta história” (LISPECTOR, 2009) em que narra diferentes modos de se matar uma barata, foi nada mais que uma releitura de uma coluna já publicada em *Comício* e posteriormente também no *Diário da Noite*, configurando três locais em que o mesmo texto figurou, com ligeiras modificações.

Assim como Clarice, a autora também considera que em relação ao hábito do cigarro, o ideal seria não fumar, tanto para homens quanto para mulher, mas após uma ressalva – novamente tal qual Clarice – de que se for para fumar, que se fume bem, ela adverte: “rudeza é mais tolerável em homens”, um conselho literalmente clariceano.



No tocante ao “Mito da Mulher Moderna, a Mulher Maravilha”, a colunista não identificada também pressupõe que suas leitoras sejam adeptas da conciliação e responde à leitora:

Para uma mulher moderna e trabalhadora como você, é mais fácil dar esses passos adiante. Afinal, há tanto o que pensar, tanto o que fazer, e cada vez mais e mais... É como disse a Flávia: não temos mais uma jornada dupla, mas uma jornada tripla – ou, quem sabe, quádrupla!

Ainda sobre o tema, ela fala de certo “cansaço” que acomete as mulheres atuais, consequência da conciliação:

Cansaço inclusive de uma liberdade que foi tão duramente conquistada – pois liberdade também provoca vertigem, Bia. Mas não se assuste, você não está caindo de verdade, é só imaginação. Ter uma profissão, cuidar da casa e dos filhos, amar, ficar bonita: todas as escolhas de vida, todos os querereres, se tornam às vezes pesos difíceis de suportar. E pior ainda que esse cansaço é dar de cara com a solidão – você sabe bem do que estou falando, não sabe? Tantas mulheres sabem!

Desta forma, a ideia da mulher conciliadora serve para a sua adequação a múltiplas tarefas que por motivações econômicas a mulher necessita se desdobrar desde a Grande Guerra⁴, quando seu trabalho foi intensamente convocado pelas propagandas publicitárias amplamente difundidas na época das duas guerras mundiais:

Ah, minha querida, não diga que é fácil falar, que a vida exige demais de você. Não responda que isso só serve para as mulheres que trabalham pouco ou que são ricas. Não diga porque não é esta a verdade, pelo contrário! Frequentemente se dá o oposto - as mulheres que não têm tempo para dar atenção demais a seus achaques são mais fortes do que as outras. Pense bem: se você estivesse sempre em mole comodidade, não saberia jamais a que ponto pode chegar a sua energia. E ela não é pouca, eu bem sei.

A problemática é questionada por uma leitora e tratada pela autora:

Como ser uma mulher moderna, uma mulher sábia? A pergunta da Bela resume o espírito do nosso Correio Feminino. Tentamos enfrentar, amigas, o desafio de ser mulher em uma época muito especial - a nossa! O que não é uma tarefa fácil. É verdade que nunca tivemos tanta liberdade quanto hoje para ser quem somos: podemos casar, separar, ter filhos ou não, trabalhar fora, estudar, viajar. Há escolha para tudo!

⁴ Apesar de sempre terem existido mulheres que trabalhassem fora de casa, principalmente entre as camadas mais pobres da população, durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, uma intensa campanha de propaganda publicitária foi criada para convocar os esforços femininos, tanto para trabalhar na logística do conflito, quanto para suprir as demandas da família, já que os homens estavam no *front*.



Percebe-se como as colunas escritas hoje trazem em si o caráter das contingências dos novos tempos, pois a temática aparece diversas vezes em “Perguntas e Respostas”, assim como em “Conversa entre Mulheres”, mas não aparece nas colunas clariceanas de “Correio Feminino”. Desta forma, o espaço realiza intertextualidade com a obra de Clarice ao remeter diretamente a ela – para a leitora que possui conhecimento prévio sobre estes textos clariceanos, para que assim possa vinculá-los a esta autoria – e revela-se também um lugar de apropriações, já que a partir de textos assinados por Clarice a colunista não identificada insere seu ponto de vista. Em ambos os recursos – da transcrição integral ou modificada - vê-se o uso do recurso parafrástico, pois uma mesma coisa é dita diversas vezes, mas de maneiras outras.

A ruptura também está presente quando a colunista aceita a divisão de tarefas no lar - ao contrário de Clarice - e responde à leitora que reclama do marido que quer que ela faça tudo:

Quanto a você, Albinha, será que se esgota para agradar seu marido ou a você mesma? Será que ser uma mulher-mártir, ou quem sabe uma mulher-vítima, não lhe dá algum conforto e até prazer? Se não, por que não dar certos limites e dividir tarefas com o homem com quem já divide a vida?

A colunista assume uma ruptura ainda mais significativa com o discurso clariceano ao aconselhar mulheres em dúvida sobre se devem se manter casadas ou cederem ao divórcio, assunto que não aparece nas colunas de Clarice, mesmo sendo ela desquitada em uma época em que não existia divórcio⁵: “Ficar ou partir? A escolha é sempre difícil. Seja qual for a de vocês, Nenês, Albinhas, Becas e Dedas do país, fiquem certas de que a experiência de viver não termina com o fim do casamento.”

Nota-se que ao mesmo tempo em que as intertextualidades, apropriações e paráfrases com a obra clariceana fazem de “Perguntas e Respostas” um quadro de predominante continuidade, também contempla espaços de ruptura.

A felicidade aparece também entre as dúvidas das leitoras, ao que a autora associa diretamente à felicidade a dois e a estética, para somente depois colocá-la como uma inquietação geral:

⁵ Segundo Mary Del Priore (**História do Amor no Brasil**, São Paulo: Contexto, 2011), a única possibilidade de separação entre os casais antes da lei de divórcio era o desquite, possibilitado com a inserção do artigo 315 no Código Civil de 1942. O recurso não dissolvia os vínculos conjugais e não admitia novos casamentos, o que fez com que cônjuges separados formassem novas uniões mediante contratos formais ou casamentos no exterior.



Semana após semana, a busca da felicidade é um tema que aparece nas cartas do nosso Correio Feminino. A pergunta pode estar associada à felicidade amorosa, aos desafios da idade ou ainda à necessidade de entender, afinal, onde está a tal da felicidade.

Assim, o discurso de “Perguntas e Respostas” é caracterizado como predominantemente intertextual (ao referir-se direta e integralmente às colunas clariceanas); repleto de apropriações (quando trechos de Clarice são apropriados pela colunista não identificada como ponto de partida para suas próprias reflexões) e paráfrases (quando antigos conselhos são novamente dados, mas sob nova roupagem).

Conclusão

O quadro “Correio Feminino” no Fantástico retratou fielmente as colunas clariceanas no vídeo. Continuidades, mas também rupturas e contradições foram problematizadas em “Conversa entre mulheres”. Já o espaço “Perguntas e Respostas” trouxe a intertextualidade, a apropriação e a paráfrase em relação a obra original, configurando-se como um espaço de continuidades, mas que abrigou algumas rupturas.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: 1 Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. Cadernos Pagu (16). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2001.

FRANCHETTO, B; CAVALCANTI, M. L. V; HEILBORN, M. L. Antropologia e Feminismo. In: **Perspectivas antropológicas da mulher**. Vol 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

HARAWAY, Donna. **“Gênero” para um dicionário marxista**: a política sexual de uma palavra. Cadernos Pagu (22). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2004.

LISPECTOR, Clarice; [organização de Aparecida Maria Nunes]. **Correio Feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.



_____. **Só para mulheres:** conselhos, receitas e segredos. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

_____. **Clarice na cabeceira.** MONTERO, Teresa (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

ORTNER, S. B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise (orgs.). **A mulher, a cultura e a sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PORTO, Sérgio Dayrell. **Análise de Discurso:** o caminho das seis leituras interpretativas em massa folhada. Brasília, DF: Casa das Musas, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **Primórdios do conceito de gênero.** Cadernos Pagu (12). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2001.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Vol. 20, nº2, 1995.